

A EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Uma questão importante e tradicional na educação Cristã tem sido a salvação das crianças. "Conduzir a criança para Cristo" tem sido um dos objetivos primários da educação Cristã; especialmente na Escola Dominical. A evangelização da criança é um assunto extremamente importante. Infelizmente algumas das abordagens que tratam disto se baseiam numa teologia pobre e incompleta. Eu não contesto os motivos daqueles que trabalham com as crianças quando eu digo que se queremos conduzir um ministério que honra à Deus e frutifica nas vidas das crianças, nós devemos considerar cuidadosamente as fundamentações bíblicas e teológicas de nossa prática.

Evangelizar crianças é tanto uma questão emocional quanto teológica. Isto é, nós desejamos fortemente ver as crianças perto do Senhor logo cedo em suas vidas, e ao mesmo tempo nós queremos levar as escrituras seriamente, sendo guiados por suas orientações em tão importante questão. Não podemos tratar deste assunto de forma superficial, mas devemos considerar cuidadosamente como a igreja tem tentado entender o assunto e executar o ato de levar as crianças à fé.

A NATUREZA DA FÉ SALVADORA

A raiz de muitos dos atalhos das abordagens atuais sobre a salvação das crianças (e isto mostra um fraqueza geral nas igrejas evangélicas) é uma má representação fundacional ou um mal entendido sobre a natureza verdadeira da fé salvadora. É muito claro nas Escrituras que as pessoas são salvas pela fé, a mensagem é, "Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa" (At 16.31). O problema é que a mensagem tem sido mudada para "Receba Jesus como seu salvador pessoal, e você será salvo," ou "Convide Jesus para entrar em seu coração e serás salvo." Enquanto que ambas mensagens tem elementos da verdade, ambas falham diante da mensagem bíblica.

A questão é a natureza da fé salvadora. O que significa "receber" a Jesus no sentido de João 1.21? Não significa simplesmente a recepção dos benefícios de sua morte vicária a nosso favor, mas antes a recepção dele, o Senhor ressurreto e cabeça da igreja. A fé no sentido bíblico não pode ser separada da obediência. Como o apóstolo João escreveu, uma vida não caracterizada pela obediência nunca pode ser considerada uma vida redimida: "Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade" (1 Jo 2. 3-4). Se formos tomar João seriamente, devemos entender que não podemos dizer que recebemos a Jesus se nossas vidas são caracterizadas pela desobediência.

As implicações para a apresentação do evangelho são óbvias. Ao passo que proclamamos as boas novas que Jesus morreu por nossos pecados de acordo com a Escritura e que ele comprou nossa redenção com seu sangue, nós devemos também proclamar que ele é Senhor. Devemos deixar claro que para recebe-lo implica que devemos aceitar não somente seu dom d redenção, mas também sua autoridade de direito sobre nossas vidas. Um aspecto importante da Grande Comissão é que nós devemos ensinar os novos discípulos a obedecerem tudo o que Jesus ordenou (Mt 28.20). Nossa fé deve influenciar nossa atitude, comportamento e valores. Se todas estas áreas da vida não forem trazidas sob o senhorio de Cristo, então nós não o "recebemos." Em vez de o recebermos como salvador pessoal (que não é uma terminologia bíblica), nós devemos recebe-lo como senhor, e ele então se tornará nosso Salvador pessoal.

A questão em jogo é muito mais do que uma terminologia. Não há palavras mágicas que automaticamente resultam em salvarão. Antes, há uma atitude, que pode ser expressada em



uma variedade de frases, que o Pai considera como apropriada para a salvação. Porque as atitudes são difíceis de estudar, ou até impossíveis de estudar, a Escritura descreve para nós o fruto da fé que resulta em salvação. Tiago nos diz simplesmente que "assim também a fé, se não tiver obras é morta" (Tg 2.17). Nosso Senhor coloca isto em termos ainda mais fortes, quando ele ensinou, Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7.21).

A Escritura apresenta a fé como algo muito sério. Não há maneiras suaves e fáceis dentro do reino. É verdade que as pessoas são salvas pela fé, mas se esta fé não é expressada na vida do crente pelas ações, não é uma fé salvadora verdadeira.¹

Quando este entendimento da fé é considerado em relação às crianças, a questão se torna ainda mais complexa. Uma criança pode compreender as questões em jogo suficientemente para terem a fé salvadora? Obviamente a Bíblia afirma esta possibilidade quando ensina-nos a ensinar as crianças nos caminhos de Deus. Mas, como veremos, isto não é tão simples como algumas pessoas o colocam.

O PECADO ORIGINAL

A maneira como encaramos a evangelização das crianças depende amplamente no nosso entendimento do pecado original. Baseado primariamente nos ensinamentos de Romanos 5, esta doutrina afirma que o pecado original de Adão como cabeça da humanidade foi passado para toda a humanidade de maneira que todas as pessoas nascem culpadas diante de um deus santo. Esta questão se torna mais crítica quando considerado em relação ao infante que morreu. Por causa do pecado de Adão, será que a criança falecida irá para o inferno?

Historicamente há duas respostas teológicas a esta questão. A primeira lida com o batismo infantil; a segunda com o aspecto da idade da razão. O batismo infantil é entendido ao menos de três maneiras diferentes. A perspectiva Católica Romana diz que o batismo infantil purifica a criança do pecado original. Se crianças morrem sem o batismo elas irão diretamente para o céu. Portanto é importante, do ponto de vista Católico, batizar as crianças o mais rápido possível.

A maneira como encaramos a evangelização das crianças
depende amplamente no nosso entendimento do pecado original.

A perspectiva Luterana é um pouco diferente. Os luteranos creem que quando as crianças são batizadas, Deus graciosamente "aplica a fé" em seus corações de maneira que elas possam ser salvas. Na perspectiva Luterana a fé é análoga à confiança. Assim como as crianças são capazes de confiar em suas mães, assim também Deus as capacita para confiar nele. Para os Luteranos, o batismo é o meio da graça pelo qual Deus salva crianças ao colocar a fé no coração delas.

De um ponto de vista Reformado, o ritual é normalmente entendido como análogo à circuncisão dos Judeus e é o sinal do pacto entre os pais e Deus que as crianças serão criadas na fé cristã. Mais tarde, quando as crianças são mais maduras para confirmar que sua fé de fato é real, elas são levadas à membresia total da igreja através da profissão de fé. Acreditasse que se estas crianças morrerem antes da profissão de fé, seus pecados serão perdoados por causa do pacto estabelecido através do batismo. As igrejas que defendem uma posição Reformada creem que quando os pais criam seus filhos na fé Deus as regenerará e lhes dará o dom da fé.

A segunda resposta teológica para a salvação de uma criança diz respeito a idade da razão. Isto, é algumas igrejas defendem que antes que as crianças possam exercitar a fé por conta própria Deus não as responsabilizará por seus próprios pecados, e se morrerem antes de se

¹ Para um estudo mais completo sobre este assunto, ver Dietrich Bonhoeffer, *O Custo do discipulado* (New York: Macmillan, 1949); Juan Carlos Ortiz, *O discípulo* (Carol Stream, Ill.: Creation House, 1975); Walter Chantry, *evangelho de hoje, autentico versus Sintético* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth Trust, 1970); John F. MacArthur, *evangelho segundo Jesus*, ver. ed. (Grand Rapids: Zondervan, 1994).

tornarem responsáveis, elas serão perdoadas. Os adeptos desta posição reservam o ritual do batismo somente para os crentes.

Se as crianças serão responsáveis por seus pecados, é essencial que elas sejam levadas a fé o mais cedo possível. Aqueles que rejeitam o batismo infantil enfrentam a dificuldade de como uma criança deve ser levada à fé. Qual é o melhor ou mais apropriado modo de evangelizar uma criança?

ABORDAGENS À EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Dentro dos dois últimos séculos nos Estados Unidos a questão de como uma criancinha deveria ser conduzida a Cristo tem sido respondida de várias formas. Cada abordagem tem forças e fraquezas específicas em si.

Avivalistas

Uma das posições mais extremadas foi defendida pelos dissidentes do século dezoito na Inglaterra e por alguns dos últimos avivalistas que seguiram suas tradições. Vindo de um Calvinismo extremado com uma forte ênfase na depravação total, o avivalismo entendia que uma criança não era capaz de ter fé salvadora. Combinado com uma ênfase na pecaminosidade das crianças era um aspecto sério para as necessidades da fé na vida do indivíduo. Como resultado desta perspectiva, os avivalistas criam que a responsabilidade da igreja para com as crianças era convencê-las que eram terríveis pecadoras e quando elas fossem mais velhas para se arrependem apropriadamente, dando então suas vidas para Cristo.

Talvez esta perspectiva é melhor representada por um poema de Isaac Watts, escrito quando criança:

Eu sou vil e poluído pedaço de terra,
Assim eu continuo desde que nasci;
Embora a graça de Jeová venha sobre mim diariamente,
Tão certo quanto este monstro Satanás me enganará,
Venha, portanto, Senhor, das garras de Satanás me livrar.²

O tipo de ensino que resultou nesta perspectiva era muito extremado. Os pais cristãos criam que era tarefa deles mostrar a seus filhos seus pecados quando quer que pudessem, assim colocando neles uma consciência da terrível complicação que estavam diante de um Deus santo. O pai seria cuidadoso em mostrar que um desejo natural infantil de brincar em lugar de estudar era um exemplo de uma natureza pecaminosa da criança. Além do mais, os pais ensinariam seus filhos que não eram capazes de orar ou fazer qualquer outra prática religiosa que agradasse “a Deus. A mensagem era simplesmente que as crianças são pecadoras condenadas diante de deus e não são capazes de ter uma fé salvadora. Os pais oravam fervorosamente para que quando seus filhos alcançassem “a idade da sabedoria” (a idade que as crianças seriam capazes de exercitar uma fé verdadeira) elas responderiam à Cristo.

Era entendido que a salvação era sempre o resultado da eleição divina, e portanto seria presunção para os pais Cristãos supor que seus filhos seriam salvos. A salvação era sempre um resultado da vontade de Deus, e não vontade dos humanos. Novamente, uma anotação do diário de Isaac Watts em 1688, quando ele tinha catorze anos, indica o resultado desta perspectiva na mente de uma criança; ele escreveu, “cai sob considerável convicção dos pecados e fui ensinado a confiar em Cristo, eu espero.”³

O aspecto positivo desta abordagem sobre a salvação das crianças era que levava a sério a natureza pecaminosa da humanidade e a natureza radical da fé salvadora. Porque a fé bíblica

² E. Paxton Hood, *Isaac watts: Sua vida e escritos, eu lar e amigos* (London: Religious Tract Society, 1875), 7.

³ Idem, 342.



era entendida como exigências sérias sobre a vida do crente, não era para se entrar nela de forma suave. Os pais criam que a responsabilidades deles era preparar as crianças para a salvação, mas que estava além do entendimento a natureza da fé Cristã para ver uma fé nos corações das crianças. A fé cristã poderia vir somente após a “idade da razão” quando a criança poderia entender propriamente a verdadeira natureza da fé bíblica.

O aspecto negativo desta abordagem é também óbvio. Em seu zelo em proteger a integridade do Cristianismo, eles falhavam em entender que a Escritura claramente ensina que as crianças também podem ser parte do reino. Jesus ensinou, Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Mt 19.14). Também, as instruções de Paulo aos crentes em Éfeso “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4), indica que, ao menos numa certa extensão, uma criança é capaz de ter fé. Portanto, enquanto que esses avivalistas devem ser elogiados por seu interesse em tomar as exigências do evangelho e a soberania de Deus seriamente, eles devem ser acusados pela falta de confiança na capacidade de uma criança de ter a fé salvadora.

Horace Bushnell

Uma Segunda perspectiva, que claramente foi uma reação aos abusos dos avivalistas, originada de Horace Bushnell, um pastor de Connecticut. Em 1846 ele escreveu um livrinho intitulado *Discursos sobre o ensino Cristão*, no qual defendia que as crianças deveriam ser educadas como crentes desde seus poucos anos de vida, em vez de serem criadas como pecadoras a serem convertidas numa data posterior. Por causa da controvérsia teológica do livro, Bushnell foi incentivado a publicar o livro duas vezes em formas diferentes e sob títulos um tanto quanto diferentes. Na edição final, publicada em 1861 e intitulada simplesmente *Educação Cristã*, Bushnell resumiu sua posição assim:

Meu argumento é para estabelecer que a criança deve ser educada como um Cristão, e nunca entender que é algo diferente disto. Em outras palavras, o objetivo, esforço e expectativa não deve ser, como é comumente suposto, que a criança deve crescer em pecado, para ser convertida depois que chegar a uma idade madura; mas sim que deve entrar no mundo como alguém que é espiritualmente renovado, não se lembrando do tempo que passou por uma experiência técnica, mas vista antes como tendo amado o que é bom desde a mais tenra idade.⁴

O conceito chave no argumento de Bushnell é que a Educação Cristã deve, de fato, prevenir a necessidade de uma radical conversão. Ele cria que desde a mais tenra idade as crianças deveriam ser ensinadas sobre o amor de Deus e amar à Deus. O coração de seu argumento é que há um tipo de conexão natural entre a fé dos pais e a da criança. Sem uma terminologia moderna, Bushnell se referiu a um “tipo de unidade orgânica⁵” que ligava a fé dos pais à da criança. Ele não queria dizer que as crianças são automaticamente salvas se os pais são crentes. Antes, ele estava tentando lidar com o ensino de Paulo em 1 Coríntios 7.14: “Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.”

e Efésios 6.4: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.”

Para entender Bushnell apropriadamente, nós devemos lembrar que ele estava tentando encorajar os pais Cristãos a ensinar seus filhos de uma forma positiva. Ele estava incomodado com as práticas do avivalismo e cria que as crianças também tinha um lugar importante no reino.

Bushnell entendeu que as crianças podem vir à fé através de outros meios que não a radical conversão. Ele argumentou que as crianças de pais crentes deveriam ser tratadas de maneira diferente das crianças de adultos descrentes. Bushnell ensinou que se uma criança

⁴ Horace Bushnell, *Educação Cristã* (Grand Rapids: Baker, 1979), 10.

⁵ Idem, 342.

fosse ensinada sobre a salvação, esta regeneração era tanto uma obra do Espírito Santo quanto a conversão radical de um adulto. Mas ele cria que era possível criar as crianças em um modo distintamente Cristão que elas nunca se lembrariam de um tempo quando não eram crentes. Em vez de se tornarem Cristãos mais tarde na vida, as crianças criadas no contexto de um lar Cristão poderia ser Cristão desde tenra idade.

No século vinte isto não parece um ensino estranho. Muitos crentes criam seus filhos desta maneira, ensinando-os orações simples e lhes dizendo do amor de Deus. Baseados no entendimento que as crianças verão a fé como uma realidade na vida de seus pais e que elas continuarão como cristãos quando forem velhas, os pais cristãos ensinam seus filhos na fé. No entanto, se seus filhos não continuarem na fé, alguns pais são inclinados a se culparem pelo resultado.

Há uma certa fraqueza na posição de Bushnell. Em seu esforço de corrigir os erros do avivalismo, ele falhou em considerar a pecaminosidade humana de maneira suficientemente séria. Ele não afirma que há uma “depravação natural”⁶ que afeta todas as pessoas, mas ele cria que a propensão para o mal poderia contra atacar o ambiente positivo de um lar Cristão. Para Bushnell o processo de Educação Cristã deveria ser tão natural que não há quase razão do divino nela. Parece que a regeneração poderia ser ensinada como boas maneiras ou como a cultura. Há muito pouco do sobrenatural em sua visão do ensino e da salvação infantil na sua visão.⁷

A CONVERSÃO DE UMA CRIANÇA

Uma abordagem mais atual é a teoria apresentada por algumas organizações que evangelizam crianças e alguns publicadores evangélicos. Esta perspectiva defende que todas as pessoas são perdidas e necessitam de salvação, e que a salvação vem a alguém como resultado da crença que Cristo morreu por ele ou ela. Cada pessoa deve fazer a decisão por Cristo, e normalmente uma pessoa deve ser capaz de lembrar quando esta decisão foi feita.

O contexto bíblico para esta abordagem se baseia nos exemplos na Escritura de conversões à fé Cristã. Por exemplo, a experiência de Paulo na estrada de Damasco é vista como sendo ao menos de alguma forma normativa para todas as experiências de conversão. Num certo momento Paulo não era um crente, e em outro era. Este conceito de uma experiência de crise durante a conversão é considerado um modelo próprio para todas as conversões. Também, a terminologia que Jesus usou com Nicodemos, “Você deve nascer de novo,” implica que assim como um nascimento físico é um evento específico, também deve ser o nascimento espiritual.

A força desta perspectiva é o forte interesse por ver especialmente as crianças ganhas para Cristo. Reconhece o fato que todas as pessoas, incluindo as crianças, necessitam de salvação e faz um tentativa específica para alcançá-las com o Evangelho. É importante o desejo evangélico e o interesse que as crianças entendam que tem de fato respondido à Cristo. Também, o fato que as crianças são vistas com um valor infinito e dignas de um trabalho evangélico é de fato algo que se assemelha ao espírito que Jesus lidou com as crianças.

A natureza da conversão para a criança que tem sido criada num lar cristão pode ser significativamente diferente da natureza da experiência de conversão de um pagão adulto.

As fraquezas desta abordagem são talvez um pouco mais sutis, mas elas precisam ser consideradas. Este modelo é construído com base no conceito de que todas as crianças devem se converter da mesma maneira que adultos pagãos. Não considera a possibilidade que as conversões registradas no livro dos Atos podem não ser normativas para as crianças. A

⁶ Idem, 22

⁷ Uma mistura do natural com o sobrenatural é um fenômeno constante na teologia de Bushnell e não é singular assunto. É geralmente considerado que o entendimento do relacionamento do natural com o sobrenatural no pe de Bushnell é a chave para abrir seu sistema teológico todo.



Escritura não fornece nenhum exemplo quando crianças se converteram separadas de suas famílias. É claro que na igreja primitiva houve situações quando famílias inteiras se converteram (tal como a família de Cornélio em Atos 10), mas não há registro de crianças vindo a Cristo espontaneamente. Argumento sobre o silêncio sobre o assunto não prova que isto não aconteceu. Somente significa que não há exemplos claros para seguir na Escritura.

Uma segunda fraqueza muito mais significativa da abordagem da conversão da criança é que não leva em conta a singular situação das crianças de pais crentes, que de alguma forma devem ser vistas de forma diferente das crianças daqueles que não tem fé. Não é possível fazer um caso de maneira rápida e eficiente sobre o relacionamento entre a fé dos pais em relação aos filhos, mas a Bíblia fornece alguma informação sobre isto. Em 1 Coríntios 7 Paulo indica que as crianças são de alguma forma afetadas pela fé de seus pais crentes. Também, a diferença de ambiente deve ser considerado. Se as crianças são nascidas em um lar onde oraram por elas desde quem sabe antes de nascerem, e se desde cedo foram ensinadas a honrar a Deus e a responder a ele com fé, parece que estas crianças não teriam que ser evangelizada da mesma forma que as crianças de histórico pagão. Se os pais estão de fato criando seus filhos no temor e ensino do Senhor, parece estranho e desnecessário convidá-los a uma resposta de fé a Cristo quando isto foi o enfoque de seu ensinamento.

A natureza da conversão para a criança que tem sido criada num lar Cristão pode ser significativamente diferente da natureza da experiência de conversão de um pagão adulto. Em lugar de esperar o tipo de experiência de salvação que foi evidente na vida do apóstolo Paulo, talvez os filhos dos crentes devessem ser considerados mais como Timóteo, a quem Paulo escreveu, “e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15). Salvação para tais crianças pode não ser uma crise na qual uma decisão específica é feita, mas antes pode ser um processo de treinamento pelo qual a fé em Cristo (no nível humano) é o resultado natural do ensino. Para as crianças criadas em um lar Cristão, a fé pode sempre ter sido algo normal em sua experiência e não o resultado de uma decisão específica. A conversão delas é a experiência de um processo e não a experiência de uma crise.

John Inchely

Uma quarta abordagem tem sido proposta por John Inchley em seu livro *Crianças do Reino*, afirma:

Eu não posso negar que todas as crianças pertençam ao Senhor antes da idade da razão. Sua pecaminosidade natural está coberta pela obra expiatória de Cristo, e seus atos errados, que não foram cometidos deliberadamente, podem ser cobertos pela expiação, ainda que ainda não tem sido apropriada por um ato do desejo próprio. Eu acredito com certeza que todas as crianças estão incluídas no grande sacrifício expiatório e pertencem a Jesus Cristo até que deliberadamente o neguem.⁸

O centro da preocupação de Inchley é que as crianças devem ser vistas de forma diferente dos adultos e que sua salvação de ser entendida de modo diferente também. Ele se baseia muito no ensino de Jesus de Mateus 18 e 19. Ali Jesus trata as crianças como se pertencessem a ele. Inchley crê que as crianças não precisam de uma experiência de crise na conversão, mas que se são criadas apropriadamente, de acordo com ensino bíblico, elas crescerão naturalmente na fé e serão regeneradas pelo Espírito Santo. Inchley continua e oferece sugestões muito úteis e práticas para o ensino eficaz das crianças.

A força de sua posição é que leva a sério os ensinamentos de Jesus em referências ao relacionamento com as crianças e do reino de Deus. Encoraja-nos a acreditar que o reino de fato pertence a todas as crianças e que a alta consideração de Jesus para com as crianças deve ser respeitada. (Parece significativo que enquanto nós enfocamos o ministério para as crianças na igreja, Jesus falava do ministério das crianças para a igreja.)

⁸ John Inchley, *Crianças do Reino* (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1976), 33.

A visão de Inchley também fornece uma solução ao difícil problema teológico (e emocional) das crianças que morrem antes de nascer (como nos abortos), no nascimento, ou na infância antes de serem capazes de exercer a fé salvadora. A salvação para antes da idade da razão é um importante antídoto para o dilema do pecado original e a depravação total. Faz da graça de Deus preeminente e não a pecaminosidade da humanidade.

A dificuldade desta visão, no entanto, é com respeito a idade da razão. Inchley não estipula uma idade específica. Antes, a idade da razão é considerada com as crianças espontaneamente rejeitam a graça de Deus para si. No entanto, este conceito não é ensinado nas Escrituras. Há uma narrativa das crianças menores de vinte anos não sendo responsabilizadas por Deus pela rebelião de Israel após a saída do Egito (Nm 14.29). Mas também há o caso das crianças do povo de Jericó que foram mortas junto com seus pais por causa dos pecados do povo (Js 6.21). Portanto, poderia ser argumentado que a idade da razão é aplicável somente para os filhos do povo de Deus, e não a todas as crianças. A idade da razão é um conceito derivado de considerações teológicas. Não é errado se apoiar em uma doutrina implícita; a doutrina da Trindade é também é uma doutrina produzida. Mas enquanto que a ideias da idade da razão alivia o estresse emocional a respeito do destino das crianças, não é claramente baseado no ensino bíblico.

Um segundo problema com a visão de Inchley é está ligado com o primeiro. A base bíblica primária por sua posição é o ensino de Jesus em Mateus 18-19. Está claro que nos versículo do capítulo 18, Jesus está falando em referencia às crianças como um exemplo de humildade no reino. Mas do verso 6 em diante, um forte caso pode ser feito sobre o termo “pequeninos que creem em mim” não se refere às crianças, mas aos discípulos de Jesus. A preocupação de nosso Senhor era que seus seguidores não fossem desviados pelos falsos mestres de Israel. Também, no capítulo 19 Jesus afirma que o reino “pertence a estes” (v. 14). É muito dizer com base nestes versículos que todas as crianças portanto são membros do reino até que escolham rejeitar a Cristo. O máximo que podemos concluir é que o reino pertence ao povo com humildade e um confiança simples assim como aquelas crianças. Portanto, ainda que esta visão faça sentido numa perspectiva puramente teológica, é difícil substantia-la em uma base bíblica.

Jesus certamente era muito aberto às crianças. Ele as valorizava e as usava como modelos para como uma pessoa do reino deveria ser. Mas dizer que todas as crianças pertencem a Cristo parece não muito garantido.

Ronald Goldman

Uma abordagem final ao problema da evangelização de crianças é baseada numa perspectiva do desenvolvimento. Baseada no trabalho do epistemologista genético Jean Piaget, refinado por Goldman,⁹ esta visão enfoca o desenvolvimento cognitivo e moral das crianças e argumenta que as capacidades naturais do desenvolvimento das crianças devem ser consideradas. O padrão do desenvolvimento da cognição indica que uma criança não é capaz de pensar conceitualmente até a idade de onze ou doze anos. Desde que o pensamento religioso requer conceituação, é considerado impróprio esperar que crianças entendam conceitos teológicos necessários para a salvação até que elas sejam desenvolvimentalmente aptas.

A tarefa do ministério educacional das crianças é fornecer um conteúdo Cristão para suas estruturas cognitivas (isto é, suas categorias de pensamento), que mais tarde serão incorporadas em sua estrutura conceitual.

Goldman cria que a teologia e os interesses religiosos são coisas dos adultos (no sentido que eles são estruturados e discutidos em linguagem adulta) e não são realmente projetados para as mentes das crianças ou, mais acuradamente, que as mentes das crianças não são desenhadas para isto. Conceitos como a santidade de Deus, a pecaminosidade da raça humana, os requerimentos da justiça divina, e a morte vicária de Cristo estão além do

⁹ Ronald Goldman, *O pensamento religioso desde a infância até a adolescência* (New York: Seabury, 1964). ⁷ mais recentes para replicar os estudos de Goldman por John Peatling e mais tarde por Tuth Beechick não são convincentes.



entendimento das crianças. Portanto, é melhor esperar até que a criança seja capaz de entender estas ideias antes de esperar uma conversão verdadeira.

Goldman faz uma tentativa honesta para integrar as descobertas da pesquisa psicológica com as considerações teológicas. Em vez de ignorar os dados da Psicologia do desenvolvimento, ele tenta lidar apropriadamente com suas descobertas. O fato central é que as pessoas se desenvolvem cognitivamente e moralmente e que alguns tipos de pensamentos estão desenvolvimentalmente além do alcance de uma criança. Portanto nós não devemos esperar muito da criancinha, especialmente na esfera da conceitualização.

Mas enquanto há muito a ser dito sobre as capacidades durante o desenvolvimento das crianças e as implicações destas capacidades para a educação Cristã, podemos nós concluir que é impossível para as crianças serem Cristãos de verdade? O assunto gira ao redor da questão do que Deus requer para a salvação. Até onde é necessário o entendimento da verdade sugerida para a salvação? As afirmações da Escritura sempre enfocam a *fé* (como cognitiva, afetiva e volitiva) como o ingrediente essencial para a salvação. Enquanto que deve haver algum tipo de base racional para a fé de alguém, fé no sentido bíblico não está atada somente a considerações teológicas quanto está atada à pessoa e obra de Jesus Cristo. Os dois requerimentos básicos do Evangelho são a renúncia do pecado e a confiança em Cristo. Certamente há um aspecto do desenvolvimento destes requerimentos se tornarão mais profundos para eles. Mas mesmo uma criancinha é capaz de um certo grau de arrependimento e fé.

A maioria dos escritores que se preocupam com as questões do desenvolvimento não tem tal posição extremada. A maioria dos desenvolvimentalistas com interesses teológicos creem que as crianças de fato podem ser salvas, mas que o entendimento delas do significado e requerimento de sua salvação passarão por um processo de desenvolvimento enquanto a criança amadurece cognitivamente.

EM BUSCA DE A UMA TEOLOGIA DA EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Há várias abordagens ao assunto da evangelização das crianças. Cada uma delas tem certos pontos positivos e negativos. Quando tomamos os diversos aspectos, bíblico, teológico, e do desenvolvimento à respeito deste assunto e os integramos em um sistema coerente, é fácil injustiçar um ou mais aspectos relacionados entre si. Mas há algumas linhas gerais que são úteis para o desenvolvimento de uma teologia e prática da evangelização das crianças—linhas que são compatíveis com as questões bíblica, teológica e da teoria do desenvolvimento sobre este assunto.

Primeiro, *todas as pessoas, incluindo as crianças, são pecadoras e necessitam de redenção*. O pecado de Adão passou para a raça humana toda, de maneira que todos são culpados diante de Deus. Este ponto é claro na Escritura e é a base para a necessidade de salvação para todos os povos, incluindo as crianças.

Quando a escritura descreve toda a humanidade como estando “sob o pecado” (Rm 3.9), inclui as crianças. No entanto, mantendo a graça de Deus, parece apropriado acreditar que uma criança que morreu e nunca teve a oportunidade de exercitar a fé estará com o Senhor, devido a obra de expiação de Cristo. Quando o filho de Davi com Betseba morreu na infância, Davi acreditou que a criança tinha ido estar com Deus (2 Sm 12.22-23). Tanto a justiça de Deus quanto a misericórdia devem ser consideradas em relação a este assunto.

Segundo, *salvação é pela fé na pessoa do Senhor Jesus Cristo*. A fé salvadora enfoca a pessoa do Senhor Jesus Cristo (opondo-se à ideia somente da morte a nosso favor) e é expressa pela obediência. Portanto, a salvação não vem por uma simples oração pedindo o perdão de Deus. É dada ao colocarmos nossa fé em Jesus tanto para o perdão de nossos pecados quanto para a direção de nossas vidas.

Terceiro, *as crianças são caracterizadas por uma inclinação natural para a crença*. Dentro da natureza de uma criança está uma propensão para crer (credulidade), que nosso



Senhor descreve como de grande valor, e que permite que as crianças aceitem prontamente o que lhes é ensinado.

Quarto, *as crianças são aptas para um fé de criança no Senhor Jesus Cristo*. Esta linha de pensamento é uma união dos dois últimos. Nosso conceito da natureza da fé salvadora não precisa ser reduzida simplesmente porque nós estamos lidando com crianças. Enquanto que é certamente verdade que as crianças não podem compreender as implicações totais de suas decisões, elas podem escolher, em seu próprio nível, colocar sua confiança em Cristo como Senhor e Salvador. Se as crianças não fossem capazes de ter uma fé salvadora, seria em vão tentar ensiná-las no caminho do Senhor (Pv 22.6). Mas porque a credulidade está na natureza da criança, faz sentido conduzi-las à fé em Cristo.

Quinto, *a tarefa do ensino é para dar forma e conteúdo à credulidade para que possa ser dirigida para Cristo*. Uma das grandes misericórdias de Deus é que ele criou as crianças para crerem no Evangelho prontamente. Como resultado, não é difícil conduzir as crianças para Cristo. O que é mais difícil é ajudá-las a entender a implicação da fé no sentido bíblico. O perigo ao evangelizar crianças é que nós somos tentados a reduzir a mensagem a um evangelho falso, que não resulta numa fé salvadora.

A grande alegria de se trabalhar com crianças é que elas muito naturalmente creem no que está sendo ensinado a elas. Por causa disto, a tarefa de ensinar não é onerosa, mas prazerosa. A tarefa deve ser tomada seriamente, mas a fé (no sentido natural) já está presente na criança. Só precisa ser dirigida para o Senhor Jesus Cristo. Quando uma criança chega à adolescência a fé natural se torna mais embaraçada em seus próprios conceitos, e a tarefa se torna mais difícil. Mas com as crianças, o ensino é simplesmente fornecer conteúdo e direção para a credulidade dada por Deus.

É errado entender a credulidade natural de uma criança como a fé salvadora. Obviamente sua capacidade de crer é expressa de diferentes maneiras. A crença no Papai Noel, no coelho da Páscoa, e nas fadas são exemplos da fé natural. Quando nós ensinamos uma criança na fé Cristã, nós dirigimos a tendência natural de crer para crer no Senhor Jesus Cristo.

Sexto, *somente o pai sabe quando uma pessoa é verdadeiramente salva*. Como Cristãos em processo, nós podemos tomar muitas decisões sobre nossa fé em Cristo, mas somente Deus sabe quando a salvação acontece. Durante o processo de ensino, as crianças são aptas para fazer uma variedade de decisões em relação a sua fé, especialmente durante o crescimento em seu entendimento da natureza do Cristianismo. Nós não podemos sempre saber em que ponto a criança era de fato regenerada, mas nós não temos que saber.

Às vezes os crentes com zelo enganado insiste que as pessoas devem ser capazes de apontar para um tempo específico quando eles fizeram um compromisso com Cristo. No entanto, se as crianças foram criadas para seguir ao Senhor desde pequenas, elas podem não saber quando especificamente a regeneração aconteceu. Seus pais podem não ser capazes de destacar uma decisão, porque as crianças fizeram muitas decisões referentes a sua fé Cristã. Na realidade somente Deus sabe com certeza quando a fé verdadeira foi exercitada.

Este ponto é especialmente significativo quando as implicações do desenvolvimento são consideradas. As crianças de três ou quatro anos de idade podem fazer um certo tipo de compromisso com Cristo, que pode ou não ser uma experiência real de salvação. Se, ao passo que crescem, seu compromisso com Cristo cresce também, então aquela decisão pode ter sido a da sua conversão. Mas pode ser também que elas não tinham um entendimento real na época e aquela decisão foi preparatória para sua conversão atual quando mais velha. Não podemos dizer com certeza sobre uma ou outra situação.

Mas se o ensino é um processo contínuo na vida de nossos filhos, não temos que dizer quando a regeneração aconteceu. Antes, nós devemos continuar a ser obedientes à nossa responsabilidade de ensinar as crianças na fé. Devemos lembrar que nossa tarefa é ensinar, e a de Deus é regenerar. Se nossos filhos estão crescendo na fé, não é importante que o exato momento de sua conversão seja identificado. É importante que elas permaneçam crescendo em sua caminhada com o Senhor.

Sétimo, *os filhos de crentes são, de uma certa forma, diferentes dos filhos dos não crentes*. Isto não significa que eles estão automaticamente salvos em virtude da fé de seus pais; mas significa que o ambiente de um lar Cristão e as orações dos pais e outros a favor da criança



são fatores fortes no ensino espiritual. AS crianças que foram objeto de oração mesmo antes de nascerem e que experimentam a presença de Deus em suas próprias casas não são iguais às crianças que não tem qualquer herança espiritual. Embora a s implicações totais e o significado de 1 Coríntios 7.14 não são bem claras, este texto mostra algum tipo de relacionamento entre a fé do pai e a vida espiritual da criança. Por causa disto, algumas igrejas batizam seus infantes e outras os dedicam ao Senhor. Ambas práticas são baseadas no conceito que porque estas crianças nasceram num lar cristão elas irão desde cedo, pela misericórdia de Deus, ser de forma singular separadas como crianças que pertencem ao Senhor. Esta linha de pensamento deve afetar aquelas pessoas que trabalham com crianças, é mais apropriado trata-las como filhos de crentes e complementar o ensino que acontece em suas casas. Ajudá-las a explorar a fé Cristã será mais importante do que tentar conduzi-las a uma outra decisão. Ensino em vez de evangelismo deve ser o enfoque do ministério para as crianças de pais crentes.

Desde os primórdios da igreja, o ministério com as crianças tem sido um assunto vital. Este interesse chegou até o nosso século, e positivamente. Mas infelizmente, às vezes a prática dos educadores cristãos de hoje, especialmente em relação às crianças, não tem sido tão cuidadosas como poderiam ser. Ao passo que a Educação Cristã continua a amadurecer dentro do evangelicalismo, é imperativo que os envolvidos na área sejam guiados pelos princípios da Escritura e da boa teologia.

